**POR UMA TRANSEDUCAÇÃO: DO PACTO NARCÍSICO À TRAIÇÃO DA CISGENERIDADE**

Bruno Rodrigues Ganem / UniRio

Resumo

Porque não transeducação? Com base em estatísticas sobre a população transgênero sobre acesso e permanência à educação que revelam um cenário de expulsões e violências, o estudo reforça a aproximação das categorias ‘educação’, ‘travestilidade’ e ‘transexualidade’, na luta por legitimar a garantia de experiências de afeto, equidade e inclusão para todas as pessoas. Intenta fazê-lo sob a hipótese de que é condição necessária a percepção e traição de pactos cisgêneros que perpetuam a performance cis como hegemônica, fabricando expulsão e violências. Tece com a cartografia e a autoetnografia uma metodologia inventiva que (des)organiza o rigor estilístico e faz emergir uma escrita poética em tempos pandêmicos, reverberando dinâmicas de sobrevivência e experiências sobre educar: movimentos compostos pela multiplicidade de conexões e confluências que a própria ação de *pesquisarviver* vai detonando e, curiosamente, suturando em nós.

Palavras Chaves: Educação, Transexualidades, Travestilidades, Experiências

Resumo Expandido

Já nos disse Gloria Anzaldúa que escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. As palavras que desfilam a partir de agora para você, buscam costurar os sentidos que essa escrita pode representar sobre não sucumbir e sobre modos outros de reinvenção: dinâmicas rizomáticas de sobrevivência sob os fluxos de experiências cartografadas de dentro para fora e de fora pra dentro, em/na/com/sobre educar, seus múltiplos sentidos e os caminhos como vamos nos relacionando e nos constituindo. Movimentos compostos pela multiplicidade de conexões, confluências, rompimentos, explosões, e contrafluxos que a própria ação de *pesquisarviver* vai detonando e, curiosamente, tecendo em nós:

**Bulbo atômico - renovação!**

**Se não fizer ventania, terá sido em vão.**

**É mais que um trovão! É travão! É confrontação!**

**Bomba atômica - lacração!**

**É sobre quebras, estilhaços, bricolagem, montação.**

**Desmonte! Bagunça não!**

**De lá pra cá, fez-se furacão, outrora tempestade!**

É possível que tenha começado a ser ‘vento’ em meados 1980, quando fui aluno de uma escola católica de ensino privado, em Campinas, cidade do interior do estado de São Paulo, onde nasci e vivi até os 20 anos de idade. Embora encontrasse por aqueles ambientes da escola muitas possibilidades de trocas e aprendizagens, também registrei em meu corpo um tanto de vergonha, medo e dor:

**cicatrizes de violência.**

Para além de ser quem eu era foram as bricolagens, em meio à toda maquinaria e disciplinamentos que me ensinaram a existir por ali:

**Escola Máquina: pulsão desejante!**

Foi preciso estabelecer com as relações dentro da instituição, algo de subterfúgio, que me acompanhasse por todos os anos que ali estivesse: talvez uma forma de, sem saber, problematizar os processos de subjetivação, circulação de afetos, poder e potências postos em movimento pela educação escolar.

**Fiz meu mapa das quebras!**

Na quebra, em cena com as segregações anti-naturais de opressão e lógicas binárias de uma pedagogia *cis*centrada decorei o texto da subversão:

**pedagogia da desobediência**

Sob os impactos da cisnormatividade na educação, onde a normatividade da cisgeneridade e da heterossexualidade é um processo social que vulnerabiliza performances para além de uma suposta inteligibilidade de corpas e corpos:

**Desmontei - como era possível - as artimanhas de um roteiro esperado**

**e me montei: ação política!**

**Escola Potência!**

Enquanto fui aluno, desde a infância até meados da juventude quando ingressei na universidade, foi preciso recorrer à montação: modos outros de agência, performatividade e produção de si como sobrevivência e estratégia às homofobias. A escola, mesmo com toda possibilidade de invenção, foi-me ainda assim desafiante espaço de convivência, muitas vezes violento e mantenedor das práticas opressoras aos direitos de alguns.

**Por que a escola não era para todas as pessoas?**

Se na escola, afinal, não poderiam coexistir possibilidades de ser diferente, como seriam então os processos educativos das pessoas que, em sua diferença, não podiam existir ali?

**Nascimento da pergunta: Trans-mutação na educação!**

**Ventania!**

Nesse cenário, ser uma criança afeminada e expressão da diferença dentro de uma escola que não dialogava para além de uma perspectiva essencialmente biologizante de nossas existências, permitiu-me agora ser também experiência catalisadora para o que venho expor, transpor e propor com essa escrita.

**Desde lá as percepções do que seria um lugar para todas as pessoas não cabia entre os muros da escola.**

**Eu não cabia entre os muros da escola!**

Durante muito tempo o exercício de ser quem sou precisou driblar preconceitos e arriscar rasgar as marcas do que estava imposto:

**táticas de resistência e invenção em emergência!**

**Corpos que povoam os cotidianos escolares, mas não estão presos a ele.**

**Estão atravessados pela docilidade para não fugir do controle.**

O cotidiano escolar povoado pelas vivências, histórias e acontecimentos fez-se encontro variado de táticas que se complexificaram na ocupação dos espaços e suas dinâmicas elaboradas pelo poder hegemônico.

**Adestramento escolar! (eu grito)**

**Castração colonial! (grito de novo)**

**Transformar a arte de denominar em uma arte de defesa: denominar também!**

**Feito vingança!**

**Contracolonização!**

Mesmo assim, na operância de atrofiamentos disciplinares coloniais, dispositivos controladores e seus efeitos na formação de corpos e identidades, a escola foi-me palco de um movimento espiralar de resistências e produção de linhas de fuga como potência de vida.

**Desafoguei-me de pedagogias moralizantes para refazer-me nos pés das gogias!**

**E venho conduzindo a caminhada, passo a passo, semeando palavras, como quem enfeitiça a língua!**

**Pajubeia-se!**

Há mais de 40 anos *entre muros* da escola, como aluno e depois como professor, quero ser também o furo nos muros - obrigado Sara York! Quero ser também *intramuros,* quero ser a transição de dois mundos, quero ser polifonia bojunguiana entre o real e a fricção, para você que me lê! (Ah…viva Lygia!)

**Extramuros!**

**Extra! Extra! Educação Travesti!**

**Como a educação pode ser (trans)formadora numa perspectiva travestilizada?**

**Como “explodir as normalidades como elementos de estabilidade pedagógica”?**

**Como transcentrar o *aprenderensinar*?**

**Como transeducar?**

As aproximações que me trazem à essa anunciação provocativa, proposital e carregada de silêncios enunciativos partem, para além das vivências enquanto aluno, das experiências como professor de artes cênicas há 20 anos em duas redes públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro e as trajetórias que se imbricaram desde então na tentativa de fazer da escola lugar de acolhimento e legítmo espaço de pertencimento para todas as pessoas, em todas as suas formas de existir.

**Vestígios por onde me fiz: trincheiras da invenção!**

Por essas caminhadas venho procurando reavaliar constantemente meu papel como educador na pluralidade de pensamentos, sentires e cosmovisões para além das cosmofobias, tal qual Nego Bispo - para quem todos somos cosmos - e como forma de circulação de afetos , invento giras e crio gingas por entre flechas do tempo cisgênero colonial:

**(Cosmo)Fabulação Travesti!**

**não aceitar o fim da narrativa como o fio da narrativa**

Fabular como *CIS-*são aos cotidianos de violação, expulsão e negação. Fabular com os conhecimentos produzidos por pessoas trans e travestis. “Fabular como potência da imaginação” e produção de encantamentos por “travecametodologias contra as coreografias do poder”.

**Fabular como pulsão de vida.**

**E se necessário for:**

**Fabu(r)lar!**

**Fabu(r)lar com outras narrativas em educação: narrativas trans e travestis!**

Sopram daí as moviment(ações) que tenho procurado instituir desde que se fizeram então ventanias as reflexões que acompanham minhas giras pela educação, pelas pesquisas que escolho viver e pelos espaços de fruição artístico-educativa por onde venho me refazendo e forjando. É com essas experiências e suas possibilidades teóricas, críticas e práticas que venho compondo os pensares e fazeres que por aqui se tecem.

**Quais possibilidades de trajetórias a educação formal, ainda sob uma prática pedagógica ciscentrada, poderia oferecer como garantia de sucesso no acesso e permanência de cada vez mais travestis e transexuais às salas de aulas?**

Como subverter os números que denunciam ser menos de 0,03% a presença de pessoas trans e travestis nas universidades federais brasileiras, por exemplo?

**A isso chamaremos de presença?**

**Como produzir presenças?**

**Ventania: estilhaçamento!**

**P-A-N-D-E-M-I-A**

**Arrebentação…**

**Quais impactos a avassaladora crise sanitária e econômica deixaria para a vida de travestis e transexuais, para quem as políticas públicas sempre foram gambiarras legais?**

**PANDEMÔNIO**

**Pesquisa Poesia!**

**Os mortos**

**aos montes,**

**a cada dia,**

**expunham sem qualquer máscara a putrefação de nossas existências mascaradas: desigual,**

**preconceituosa**

**e tão empobrecida.**

Tantas inquietações me foram companheiras de pesquisa, de luto e motivo de angústia em meio às incertezas deflagradas e os profundos impactos em minhas atividades como educador e pesquisador:

**Pesquisa Luto!**

**Como desesTRAbilizar a normalidade pedagógica?**

**Por que a Educação também não era travesti, afinal?**

Como fazer coexistir as dimensões ‘educação’ e ‘travestilidade’, numa perspectiva outra, de transformação, na luta por legitimar a garantia de experiências de afeto e inclusão para todas as pessoas?

**Como fabular outros modos de educar com e a partir das trangeneridades?**

**Como re-produzir afetos?**

**Por amor às Travas como TRAvar o CIStema?**

Ao fazer germinar tais processos de composição eu começava a perceber cada vez mais a necessidade de traição e rompimento com a cisnormatividade:

**do pacto nar*cís*ico à traição da cisgeneridade.**

Em quarentena e imbricado pelo contexto que se apresentava, comecei a fazer anotações e registros numa escrita passional. Era quase uma não opção deixar de rascunhar sentimentos e pensamentos entre o que eu vivia, o que eu lia e a pesquisa:

**quarentena em pesquisa.**

Confundiram-se, por ora, a própria vida e a pesquisa. As folhas escritas do pequeno caderno de anotações - um diário de campo pandêmico - começavam a revelar os espaços fronteiriços entre arte, teoria e a prática, fazendo repensar os contornos e as potencialidades do que eu havia escolhido como tema e toda a minha existência até então. Rabiscos sobre leituras, sites, podcasts, fotos e livros de autorias trans e travestis misturavam-se às confissões do viver

**(ou morrer)**

pandêmico numa espécie de experiência sinestésica, como se um entrecruzamento de sensações instituísse uma percepção simultânea da dimensão da pesquisa para além da escrita acadêmica e do que eu precisava falar:

**e-n-c-a-n-t-r-a-v-a-m-e-n-t-o-s**

De alguma forma, a pausa obrigatória que a pandemia nos trouxera, me fazia querer compreender mais os sentidos de como os acontecimentos passavam por mim e se isso de fato me proporcionava experienciar tudo aquilo que me aTRAVAessava até ali.

**Uma investigação artística dos modos de sobrevida como dispositivo de enfrentamento ao trauma histórico, pandêmico e coletivo.**

**Carto(coreo)grafias como ato de investigar!**

**(auto)carto(coreo)grafias**

E aproximando você que me lê de toda avalanche que veio se sucedendo desde então, compartilho os *fazerespensares* que compõem o ato próprio de pesquisar e abraça o texto em construção e constante devir.

Quais são os efeitos do reconhecimento de uma ancestralidade travesti, atravessada por estigmas e experiências cisheteropatriarcais ao longo das gerações e que relações eles têm com os processos de subjetivação de pessoas trans e travestis?  De que forma esse reconhecimento pode reverberar na reinvenção de uma educação de enfrentamento e subversão aos regimes de poder que sempre garantiram uma hegemonia pautada na cisheteronormatividade?

Que relações podemos perceber entre o fazer educativo cisgênero e as influências das práticas educativas travestis, estabelecidas ao longo dos tempos principalmente pelo resgate da oralidade? Como as travestilidades e transexualidades, mesmo ainda alijadas dos processos em educação formal e efetivas ações legislativas de proteção, refletem na constituição de uma transeducação?

Como o pacto cisgênero na educação, produtor de uma violenta hipervisibilidade trans e travesti, opera e agudiza experiências de opressão que acabam, por vezes, violando os direitos de pessoas trans e travestis? De que maneira a educação e a conscientização sobre a cisgeneridade e a diversidade de identidades de gênero desempenham um papel fundamental na criação de um ambiente mais empático e inclusivo?

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.

DOS SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora. 2023.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, v. 1, 2009.